

Ivone de Assis Souza

Juliano Orsolon

Cristiana Bengozi

Cláudia Freire

Valéria Alves de Souza

Bruno Abdala

Francieli Nowakowski

Tayná Alberti

Beatriz Vasconcelos Barboza

Larissa A. de Castro Alves

Leilane Ferreira

Patrícia Zeni

Thais dos Santos

Gabriel Mafra de Oliveira

Karin Jaqueline de Paula

Mariana Becker

Tálita Welke Lacerda

Ana Caroline Paulino

Jaqueline Correia Deina

Ana Paula Oliveira

Eduardo Strenski

Julio Pagnan

Robson Brandão

Luana Joly

Edgar Fernando de Araújo

Nayara Caroline Rosolen

Mariana Maciel

Eugênio Vinci de Moraes

Ariadne H. Körber

Com ilustrações de

Wilson Elias Junior

crônicas **na** **sala** **de** **aula**

Edição
dos autores

**crônicas
na
sala
de
aula**

Organizadores

Eugênio Vinci de Moraes, Ana Caroline Paulino e Jaqueline Deina

Revisão

Eugênio Vinci de Moraes e Jaqueline Deina

Diagramação e capa

Matias Peruyera/Grafita

Ilustrações

Wilson Elias Junior/Grafita

C937

Crônicas na sala de aula / Eugênio Vinci de Moraes, Ana
Caroline Paulino e Jaqueline Deina (orgs.). –
Curitiba : Ed. Do Autor, 2017.

86 p.

1. Crônicas brasileiras. I. Moraes, Eugênio Vinci de. II.
Paulino, Ana Caroline. III. Deina, Jaqueline.

CDD B859.4t5

Catálogo na fonte: Vanda Fattori Dias – CRB-9/547

Ivone de Assis Souza

Juliano Orsolon

Cristiana Bengozi

Cláudia Freire

Valéria Alves de Souza

Bruno Abdala

Francieli Nowakowski

Tayná Alberti

Beatriz Vasconcelos Barboza

Larissa A. de Castro Alves

Leilane Ferreira

Patrícia Zeni

Thais dos Santos

Gabriel Mafra de Oliveira

Karin Jaqueline de Paula

Mariana Becker

Talita Welke Lacerda

Ana Caroline Paulino

Jaqueline Correia Deina

Ana Paula Oliveira

Eduardo Strenski

Julio Pagnan

Robson Brandão

Luana Joly

Edgar Fernando de Araújo

Nayara Caroline Rosolen

Mariana Maciel

Eugênio Vinci de Moraes

Ariadne H. Körber

Com ilustrações de

Wilson Elias Junior

crônicas na sala de aula

**Edição
dos autores**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....8

TELA EM BRANCO

Desabafo *Ivone de Assis Souza*12
Confissões de um aspirante a escritor *Juliano Orsolon*14
Mais tradução e menos “vira-latismo” *Cristiana Bengozi*16

OLHANDO DE DENTRO

1462 dias na cidade do cachorro-quente *Cláudia Freire*20
A sorte anda ao redor *Valéria Alves de Souza*22
Bossa Negra *Bruno Abdala*24
Carta ao meu melhor amigo *Francieli Nowakowski*26
Cara Tayná *Tayná Alberti*28
O que é que este alho tem? *Beatriz Vasconcelos Barboza*30
Ainda há muito para explorar *Larissa A. de Castro Alves*32
Mamãe sem-vergonha *Leilane Ferreira*34

CRÔNICAS ESPORTIVAS

Caila ou Camila? <i>Patrícia Zeni</i>	38
Um ídolo que veio de longe <i>Thais dos Santos</i>	40
Alívio em Pernambuco <i>Gabriel Mafra de Oliveira</i>	42
Escuta aí, Bernardinho <i>Karin Jaqueline de Paula</i>	44
Minha alma é azul-celeste <i>Mariana Becker</i>	46

HISTÓRIAS PASSAGEIRAS

Bola pra frente <i>Talita Welke Lacerda</i>	52
“Ao embarcar aguarde sempre o desembarque” <i>Ana Caroline Paulino</i> . .	54
Estranhos conhecidos <i>Jaqueline Correia Deina</i>	56
O rato do ônibus <i>Ana Paula Oliveira</i>	58
Corredor Polonês <i>Eduardo Strenski</i>	60
Quebrando a rotina <i>Julio Pagnan</i>	62

QUINTAIS

O Banho <i>Robson Brandão</i>	68
Bolinhos de chuva <i>Luana Joly</i>	71
Se essa rua fosse minha <i>Edgar Fernando de Araújo</i>	73

OUTROS OLHARES

Primeiro ato <i>Nayara Caroline Rosolen</i>	78
Dinheirocentrismo <i>Mariana Maciel</i>	80
Delinquência <i>Eugênio Vinci de Moraes</i>	82
Jornalismo (im)possível <i>Ariadne H. Körber</i>	84

APRESENTAÇÃO

A personagem central deste livro é a grande Curitiba. Não poderia deixar de ser, pois um livro de crônicas que mereça este rótulo deve produzir um retrato especial do lugar onde moram os autores que o escreveram.

Os cronistas deste livro são alunos de Jornalismo do Centro Universitário Uninter, cursaram a disciplina de Produção Textual, da qual fui responsável no ano de 2016. São moradores de São José dos Pinhais, Pinhais, Almirante Tamandaré, Curitiba e outras cidades da região metropolitana. Alguns paranaenses; outros, não. Brasileiros, todos.

Estudantes que não têm vida fácil, como vocês verão. Trabalham, acordam cedo, se viram em ônibus lotados, mas todos, firmes, voltados para o desejo de serem jornalistas. Torço para que consigam e tornem-se excelentes profissionais. Excelentes alunos já são, o que é meio caminho andado.

O leitor enxergará esse grande espaço urbano pelos seus olhares. Eles e elas miram o entorno de vários ângulos, como se levassem uma máquina fotográfica a tiracolo. Espiam pelas janelas e corredores dos ônibus que cortam nossas canaletas e vias, como em **Histórias passageiras**; espiam para dentro de si, como nos textos de **Olhando de dentro**, em que a lembrança do passado, a relação com o trabalho, amigos ou namorados vêm à tona nas praças e cantos desse grande aglomerado urbano em que vivem;

e espiam também para o próprio ato de escrever ou para a língua que empregamos todos os dias, como fazem os cronistas mais plugados à **Tela em branco**.

Outros dirigem o olhar para o que amam de paixão, o esporte. Em **Crônicas esportivas** discorrem sobre futebol – feminino e masculino – e voleibol, ocupando os gramados e quadras deste livro. Há aqueles que esquadrinham seu **Quintal**, espaço mais íntimo que cerca seus dias, pequenos quadriláteros que formam o imenso tabuleiro urbano em que vivem. E **Em outros olhares** têm os que encaram a cidade e a si mesmos de formas muito diversas: uns são mais metafísicos, outros mais emotivos, e há ainda quem a veja com lentes mais sociais.

Um livro que forma uma grande crônica. Múltipla como os autores e a cidade em que vivem.

Eugênio Vinci de Moraes
Curitiba, 28 de fevereiro de 2017

TELA EM BRANCO



Desabafo

Ivone de Assis Souza

Já faz uma semana. Para ser mais exata, sete dias, 168 horas, 30 minutos e 15 segundos que o meu professor de Produção Textual pediu para escrever uma crônica. Desde então eu não tenho paz. Depois que tudo começou, ela tem me seguido. Para onde eu vou, lá está ela, essa bendita crônica! Não tenho pensado em outra coisa a não ser nisso.

Minha vida nesses dias se resumiu em como me livrar de uma crônica. Penso nisso desde que acordo até a hora de dormir e às vezes ainda tenho a “sorte” de sonhar com ela. Até nos meus sonhos! Veja que petulância! Ela tornou-se meu carma, minha inimiga número um. Por várias vezes tentei me livrar dela, me esforçando para fazer o que ela pede em troca. Mas o que ela quer para sair da minha vida é quase impossível conseguir. Ela pede para falar de coisas comuns, do dia a dia. Até aí tudo bem. O problema é falar de coisas comuns de forma poética, reflexiva, com ironia, sarcasmo... isso é a treva!

Pensei em escrever sobre o trânsito, sobre a chuva, sobre o vento, sobre o meu cachorro, meu perfume, meu ursinho de pelúcia, meu papagaio, pregos, parafusos, nada. Minha mente está fechada, paralisada.

Tenho vontade de espancá-la – a minha mente – quando me exige

um retorno imediato. Se não consigo, ouço sua voz irritante falando que não tenho talento algum e ainda me esfrega na cara os meus colegas de sala, felizes, em lua de mel com suas belíssimas crônicas. Isso me mata, me tira o chão. Por que só eu não consigo me entender com a minha? Quando falo da minha frustração e peço conselhos para melhorar ou acabar de vez com meu relacionamento, a resposta é unânime: dizem que eu tenho que me inspirar em Carlos Drummond de Andrade, Luiz Fernando Verissimo, José Carlos Fernandes, Antônio Prata...

Acabo de conhecer todos. Acho que vou até ali e não volto!

Confissões de um aspirante a escritor

Juliano Orsolon

Ouço um barulho infernal. Mesmo com a porta e as janelas fechadas, não há como evitar o som ensurdecedor da máquina de pintura a ar que meu pai tem utilizado muito ultimamente (está fazendo reformas na casa). Estou em frente ao computador, com meus dedos perdidos em meio aos botões do teclado, tentando não perder o equilíbrio na corda bamba da inspiração.

Acabo de notar que o meu corretor gramatical ficou maluco outra vez, o que não é nenhuma novidade, pois meu computador já tem quase uma década. Ontem mesmo, ele me fez o “favor” de substituir o “passava” por “passavá”. O que raios é *passavá*? Algum tipo de comida ou dança típica?

Bem, de qualquer modo, nem isso é capaz de quebrar meu momento de foco, de imaginação, de incorporação física e mental ao próprio texto. É isso que busco toda vez que me sento nesta cadeira com rodinhas, tão velha quanto meu PC, enquanto fixo meus olhos no monitor empoeirado. Não demora muito: escrever, criar, inventar, é algo que já fazia antes mesmo de ganhar meu primeiro caderninho.

Ah, meus caderninhos. Foram tantos. Desde curtas histórias a sim-

ples desenhos e esboços (na época eu considerava verdadeiras obras de arte). Assim como muitos outros bens de valor sentimental, a maioria se perdeu em minhas mudanças. Hoje guardo com muito carinho aqueles que sobreviveram à guerra, em um cantinho especial na minha estante.

Pode até parecer clichê, mas afirmo com total clareza que se estou aqui neste momento, diante do teclado, escrevendo isto que nem sei mais se é uma crônica, é porque sinto um imenso prazer em materializar palavras. Estas que aparecem do nada e aquelas que frequentemente se recusam a sair. Principalmente quando a tal inspiração, que não se abala nem com a furadeira do vizinho, resolve ir embora mais cedo. Escrever é vontade, esforço, paciência... E agora estou a fim de ler Harry Potter.

Mais tradução e menos “vira-latismo”

Cristiana Bengozi

Ano passado fui a várias lojas de departamento atrás de um *Trench coat*, não encontrei. Estava em falta. Na internet tinha apenas em uma única loja. Quando consegui colocar um no carrinho virtual, tinha acabado de ser comprado por outro. Depois de dias atrás dele, enfim, obtive o tal casaco, arrematando o último do estoque de uma dessas grandes lojas virtuais.

Muito usado na Primeira Guerra Mundial para proteger soldados britânicos nas trincheiras, peça que traz a marca do famoso detetive Sherlock Homes, ao chegar pelos correios, para minha surpresa, o *Trench Coat* não passava de uma capa de chuva com nome estrangeiro.

Para o frio curitibano não serve muito. Impermeável, sempre imaginei algo forte, quente, à prova de bala ou mesmo de uma possível granada. É até elegante, porém não tem nada que possa se destacar de muitos outros casacos por aí.

Para as pessoas quem não conhecem o mundo da moda, esses termos estranhos não fazem o menor sentido. *Fast Fashion*, *Must Have*, *Mom jeans* ou mesmo o *cardigan*, casaquinho do tempo de “nossas avós”, muito popular na década de 1970. Podem até iludir, como aconteceu comigo, que imaginei mil coisas por causa do nome *Trench coat*, ou “casaco de trincheira”,

sua tradução literal. No período pós-guerra virou febre na Europa, mulheres e homens desfilavam pelas ruas com ele. Virou marca registrada das francesas. No filme “*Bonequinha de luxo*” (*Breakfast at Tiffany’s*), Audrey Hepburn aparece vestindo um.

Todos esses nomes estrangeiros complicam nossa vida. Por que não chamar o *Trench Coat* de casaco com botões? Ou por que batizar de *boy-friend jeans* (“jeans do namorado”) um jeans só porque é mais larguinho que os outros?

Nelson Rodrigues para descrever a relação do brasileiro com ele mesmo dizia: “Por complexo de vira-lata entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores...”.

No mundinho “*fashion*” não é diferente. Mais tradução e menos “vira-latismo”. A valorização de nossa língua seria um grande passo para nossa evolução e autonomia cultural.

OLHANDO DE DENTRO



1462 dias na cidade do cachorro-quente

Cláudia Freire

Curitiba é conhecida em todo o país como “cidade sorriso”, mas poderia ser chamada também de “cidade do cachorro-quente”. Não sou curitibana e de onde venho cachorro-quente não faz parte da culinária regional. Já por aqui, toda esquina tem um carrinho, com aroma convidativo e pessoas ao redor discutindo se preferem uma ou duas vinas (conhecida também como salsicha em outras regiões...). Não discuto se é vina ou salsicha, uso as duas expressões quando vou pedir no mercado. Isso costuma evitar as famosas disputas de qual expressão está correta. Mas, sem sombra de dúvida, com o cachorro-quente foi paixão à primeira mordida.

Estou há quatro anos nessa cidade, 1462 dias e, de acordo com as lembranças do Facebook, o cachorro-quente esteve presente na minha vida em bons momentos e ao lado de boas companhias. “Um amor de R\$3,00” dizia a legenda de uma foto após comprar cachorro-quente na saída do colégio.

A cidade não me trouxe apenas isso nos últimos anos. Trouxe e traz sempre grandes motivos para que eu queira continuar aqui. Apesar do seu clima bipolar, que me tira do sério, da gente séria por toda parte nas ruas, do silêncio desconfiado dentro dos ônibus e do som muito alto dos trovões pra uma apaixonada pelo sol, como boa nordestina que sou. Onde cresci,

São Pedro costuma pegar mais leve.

Mas tem algumas características daqui que me encham os olhos de amor pela cidade que escolhi pra morar. O centro da cidade, seus pontos turísticos, pessoas, muitas pessoas, que fogem da fama de “curitibanos fechados”, poder falar “piá e guria”, os dias de sol tão raros que chegam a ser deslumbrantes, a rua xv e outros diversos atrativos que poderiam despertar em você, leitor, vontade de vir também pra cá e quem sabe até chamá-la de sua.

Hoje é um dia típico de inverno, ensolarado, acompanhado de um vento frio soprando forte nas sombras. Tem curitibano reclamando disso, sentindo saudade do céu nublado que tanto define a cidade. Estou feliz, com o céu azul e o frio temperado pelo calor tímido que vence a camada de ar polar que envolve a cidade. Caminho pelo calçadão da xv, aonde vou poucas vezes, mas vejo muito através da tv, que exhibe seu encanto.

Há pessoas lendo sentadas nos bancos, outras vendem artesanato cobrindo o chão com uma lona azul, um cartomante, um palhaço, um grupo pedindo dinheiro para ir a um show, outro pra ajudar uma casa de reabilitação, pessoas vestidas estilo outono/inverno e no chão as flores das cerejeiras forrando a passagem, deixando assim uma imagem totalmente curitibana na minha mente e na sua, espero, agora.

A beleza da cidade é acolhedora e quando algo não sai bem como o esperado é só olhar pra esquina mais próxima, e lá está a salvação do dia, uma banquinha de cachorro-quente. Sim. Uma paixão à primeira mordida.

A sorte anda ao redor *Valéria Alves de Souza*

Não era um dos meus melhores dias. Havia muitas pessoas indo e vindo a minha volta e, apesar de o sol brilhar no céu, não havia luz em meu interior. Se havia, no momento estava oculta por medo e incertezas. Sentei-me em um lugar qualquer, próximo ao tubo do Pinhais/Campo Comprido, mas não estava só. Estava acompanhada por alguém especial, e, como pessoas que se gostam, costumávamos passar horas fazendo planos para um futuro a dois, mas não naquele momento. Naquele momento, perdidos em pensamentos, a única solução parecia seguir caminhos opostos.

O mais curioso é que, enquanto discutíamos sobre que decisão tomar, um homem caminhava ao nosso redor aparentando querer aproximar-se. Cabelos brancos, apoiado em uma bengala, vestia calças azuis e uma blusa cinza puída. Não sabia a real intenção dele, afinal, desde que me conhecia por gente ver uma pessoa desconhecida andando a sua volta não era um bom sinal. Logo guardei o celular. Poucos minutos depois, percebo que não estava errada: ele se aproxima. Confessando estar um pouco bêbado, o que me deixou mais desconfiada, disse:

—Com licença, estava observando a situação e vi que precisam de ajuda. — E logo quis saber mais detalhes sobre o que tinha causado a “discussão”.

Durante a conversa, confesso que fiquei impressionada. Ele sabia exatamente o que estava acontecendo, e, além disso, parecia saber o que eu pensava. Parecia não, ele realmente sabia. A convicção com que ele falava sobre meus sentimentos – algumas vezes mudava de assunto pra falar sobre as pessoas que passavam no local – era impressionante. Achava curiosa a ideia de alguém que admitia não estar 100% sóbrio conseguir falar mais sobre mim do que eu mesma. Escutávamos atentamente o que dizia sobre nós, e embora eu tenha olhado poucas vezes para meu namorado, sabia que ele sentia o mesmo. Assim como eu, ele concordou com tudo o que foi falado pelo senhor desconhecido.

O convite para um café em sua casa chegou depois de um longo tempo de conversa e conselhos, mas como bons curitibanos que somos, não aceitamos. Sem insistir, despediu-se aconselhando que não trocássemos momentos de felicidade por discussões sem rumo, afinal, cada momento é único.

Com um beijo em minha mão partiu, sem que desse tempo de perguntar seu nome.

Bossa Negra

Bruno Abdala

No meio do meu curso de Jornalismo pintou uma dúvida: qual seria o melhor turno para estudar? Estudava de manhã, quando fiz boas amizades, porém resolvi mudar para o noturno. Bom, existem situações que acontecem justamente para colocar outras pessoas na sua rotina.

Logo na primeira aula à noite – Jornalismo e Sociedade, com a ótima professora Eloisa–, bati o olho naquela negra. Meu Deus, amigo... que mulher! Quase 1,80 de altura, com aquele cabelo escorrido, a bocona gigante e bem desenhada, além daquele olhar profundo. Matadora, simples assim. Era como se você soubesse que em alguma vida passada essa pessoa tivesse sido sua irmã, amiga, chefe, parente...

A simpatia pelo futebol logo nos fez termos mais e mais assunto. O Atlético Paranaense sempre era pauta (obviamente) e, a cada jogo, sempre ocorria uma acirrada discussão envolvendo discordâncias em relação à postura da diretoria. Sou oposição; ela, situação.

—Mário Celso Petraglia é o presidente mais lindo, maravilhoso e charmoso da história do Atlético Paranaense – dizia a bela moça.

—Mas futebol é faixa no peito e troféu no salão. Ele nunca ganhou nada – rebatia, insistentemente.

É engraçado. Torcemos para o mesmo time, mas temos lados políticos futebolísticos-clubísticos bem diferentes. E o melhor: quebramos o pau sempre por causa disso!

Eis que outro dia, logo no começo do segundo quadrimestre, me surge uma outra negra. Esta, com aquele cabelão à la Thaís Araújo, postura de modelo internacional, roupa com estampa de favela e carregando consigo uma marra difícil de se ver nos dias hoje. Eu chamaria isso de personalidade forte.

—Sou marrenta e folgada mesmo! – costuma dizer a moça citada.

Esses dias, num ato de muita sinceridade, disse a ela:

—Se você fosse solteira eu já teria baixado em você.

Tudo com muito respeito, o maior respeito do mundo. Você, meu caro, que vê uma mulher apenas como um objeto sexual, você não sabe o que está perdendo. Às vezes, existem as amigas da SUA amiga, e isso é sempre favorável. Costumo dizer que as verdadeiras amizades existem apenas entre homens e mulheres.

Estou prestes a comprovar minha teoria.

Faço questão da carona, do bom papo, do respeito. Ana Caroline Paulino & Thais dos Santos, não vivo sem vocês. Simples assim.

Carta ao meu melhor amigo

Francieli Nowakowski

São sete horas da noite de sexta. Estou como tenho estado nos últimos meses: irritantemente nervosa.

Desde que meu chefe me chamou na sala naquela terça-feira, há dois meses e soltou “Preciso de você em outra filial. Em outro estado”, uma sensação de que o mundo desabou não me abandona. No meu estômago sinto voar um monte de borboletas, como que brotando da fumaça dos escombros.

Mas essa irritação não se deve apenas ao fato de eu estar mudando para uma cidade a mil quilômetros daqui e que lá faz calor demais. Estou assim porque você está atrasado pra me levar ao aeroporto. É claro, pois pontualidade não é o seu forte. Só que não consigo me conformar com isso.

Fui até o mercado mais cedo pra comprar uma cerveja. O que eu amavelmente chamei de “última cerveja de Curitiba”. Mercados são coisas incríveis, não é? Sempre tem o que você quer na prateleira mais próxima de você. Exceto este.

—Mas moça, seria a minha cerveja de despedida de Curitiba! —, disse a ela, com cara de choro.

Ela, no melhor estilo minha-mãe-querendo-me-consolar, disse rapi-

damente, como se também fosse chorar:

—Tem Coca, serve?

Agora estou aqui, te esperando, sem cerveja.

Acho que esse é o momento certo pra contar que eu quebrei um dos seus copos favoritos no ano passado e escondi os cacos enquanto você trabalhava. Depois deliberadamente sugeri que foi o Teobaldo, o seu gato incomparavelmente calmo.

Talvez você deva saber também que, sim, você ronca. Sei disso por causa das 105 vezes que você me chamou pra ver filmes e dormiu ainda nos créditos. Suas piadas são ruins e aquele seriado que você gosta, daquele Demolidor, é chato. Não gosto das suas namoradas e elas também não gostam de mim.

Você fica extremamente mimado quando fica doente. Não gosto de fazer chapinha no seu cabelo. Não gosto do barulho que você faz quando passa fio dental e nem de você me mandando fazer logo um cartão de crédito. Seu otimismo é irritante. Mas seu otimismo tem me mantido em pé há seis anos, desde aquele janeiro de 2011 quando você entrou na minha vida.

Agora, na hora de te dar o último abraço antes do tchau, lembro da pergunta que o chefe me fez: “O que te prende a Curitiba?”. Só recordo que respondi “nada”, enquanto via você rindo da minha cara há seis anos porque eu nunca tinha assistido ao *Star Wars*.

Não se esqueça do meu rosto.

Cara Tayná

Tayná Alberti

Contar histórias é uma das mais belas ocupações humanas

Eça de Queiroz

Sabe esse peso que você tá carregando achando que é a dona da razão? Que vai continuar a ser a “atrasada” na escola e nos relacionamentos? Hoje tô aqui para te alertar de uma coisa: nada disso importa. É sério. Confie em mim. Sou teu eu de agora. Exatamente 10 anos mais velha. Imagino como você deve estar confusa e desorientada aí, lendo essa carta vinda do teu futuro.

Para de guardar esse aparelho móvel num guardanapo. Você não vai querer ficar revirando lixeiras por horas procurando por esse troço, que tua mãe já pagou para refazer duas vezes. Não sai do handebol, não, por favor. Teu corpo agradece e a tua saúde também. Quer aprender a tocar gaita? Vai! Não escuta tua mãe que diz que você não pode. Pode e deve! Esquece essa coisa de querer fazer aula de pintura em tela, só porque você sabe desenhar um “*smilinguido*” (você conhece, aquele personagem criado na década de 80, uma formiga, que prega passagens bíblicas). Isso não vai dar certo e será tua primeira decepção na vida. daquelas que vão te fazer chorar por horas, tentando justificar o rio de dinheiro que foi gasto com o

material do curso. (Cá entre nós, hoje, o preço do pacote de feijão custa 12 reais, ou seja, aqueles 80 reais não significam nada hoje).

Permacultura, visitar cavernas, confeccionar mosaicos, praticar yoga, correr atrás de leitura e conhecimento, vai ser a melhor decisão da tua vida – até agora. Por hora, contente-se com o acaso, teu futuro é massa. Você é massa.

Ah, espero que daqui a dez anos você escreva esta carta para mim, quando terei 29 anos.

O que é que este alho tem?

Beatriz Vasconcelos Barboza

Em um pequeno mercado, perdido entre os 76 bairros da grande Curitiba, num lindo sábado à tarde, eu me escondia entre as bancas de frutas e verduras, rodeada de alface, brócolis, tomates, couve-flor. A venda não era das maiores, tinha lá seus 10 funcionários e cada um focado em sua função. Faltavam pouco menos de duas horas pra ir pra casa, quando olhei pro chão do setor e vi várias caixas cheias de alhos recém-chegadas do Ceasa, à espera para serem descascados e irem para as gôndolas.

Estavam bem embaixo das abóboras que, por sinal, estavam bem bonitas. Eram quatro caixas. Encostei-me na bancada, abri uma das caixas e comecei a descascar o pequeno bulbo com toda a delicadeza e sutilidade para que ficasse com boa aparência e atraísse os olhares de nossos fregueses.

O dia estava maravilhoso, ótimo para se passar à tarde em um parque com os amigos em um grande piquenique, mas eu estava ali, presa àquelas caixas tomadas de alho. O trabalho parecia leve, mas eram quatro caixas, isso somava uns bons quilos de aliáceas.

Já com as mãos ardendo e encardidas de tanto retirar as cascas, percebi como um simples alho pode ser interessante. Cheguei até compará-lo

com o ser humano. Quando nasce é todo protegido, cheio de camadas que o envolvem, e com o tempo as cascas vão caindo e vai ganhando forma. Assim também é conosco, quando pequenos somos rodeados pela família, totalmente inocentes e, conforme vamos crescendo, as cascas vão caindo e a gente vai se modelando.

Pode parecer loucura ficar comparando a vida com uma cabeça de alho, mas, acreditem, uma coisa está completamente ligada à outra, exatamente como os dentes do alho são interligados e grudados formando o corpo, como a sociedade, que deveria tomar o mesmo exemplo, pois somos dependentes uns dos outros. Afinal, o que seria dessa tarde se alguém antes não tivesse plantado e cultivado esses alhos?

Cansada e perdida nesses pensamentos, em meio a movimentação dos clientes, apressados, buscando algo nas prateleiras, deparo-me com uma situação um tanto gratificante, uma senhora com os seus 60 e tantos anos, sorrindo pra mim e agradecendo-me pelo trabalho. O sol já baixava lá fora e eu me senti contente e grata por ter a oportunidade de passar uma tarde descascando alhos.

Ainda há muito para explorar

Larissa A. de Castro Alves

Passando a madrugada arrumando as malas, para que no dia seguinte esteja tudo certo, sem precisar me preocupar. Toca o despertador, é hora de levantar. Tudo pronto, só é preciso esperar o táxi chegar. A caminho do aeroporto, aquela ansiedade, o frio na barriga, rádio ligado tocando aquela música preferida. Chego na fila para o check-in, lá se vão as malas. Nas mãos, seguro a mochila e as passagens. Finalmente chega a hora de embarcar, ando pelo corredor do avião à procura do assento “21-B”. O avião decola, e agora serão 12 horas voando acima das nuvens.

Acordo com uma voz feminina, “*Welcome to Atlanta*”. O primeiro passo fora do avião, já sinto a brisa fria em meu rosto, clima diferente, o cheiro, as pessoas. Somente agora “a ficha caiu” de que estou em um país diferente, longe de casa.

Com sorriso no rosto e admirada, observo tudo. Me apaixono até pelas folhas secas caindo das árvores. As montanhas, campos, casas, restaurantes, o mar, a textura da areia da praia, tudo é diferente. Câmera sempre ligada, registro todos os momentos.

Dia seguinte, acordo cedo, sinto o cheiro das panquecas fresquinhas, com ovos e bacon. Olho pela janela, vejo flocos de neve caindo, como se

estivesse dentro de um daqueles globos de vidro de natal. Na rua, observo os ônibus escolares amarelos buscando as crianças, os veados com seus filhotes correndo perto das árvores, me sinto como se estivesse nos filmes que assistimos no cinema.

À noite, meus olhos chegam a brilhar com o tanto de luzes e outdoors espalhados pelas ruas. Nunca vi nada igual, talvez esta seja a reação de todo turista, mas é impossível não sentir essa emoção. Continuo andando, ouço música e vejo pessoas dançando. Sinto o cheiro de várias comidas diferentes, de todos os tipos. Tanta gente. Há pessoas de toda parte do mundo.

Descobrir a cultura e os costumes de um lugar totalmente diferente do nosso cotidiano, me traz mais curiosidade de continuar a conhecer o resto do mundo, de ponta a ponta. A lista de lugares para visitar não para de aumentar, mas o dia de voltar para casa se aproxima.

E começa outra vez: madrugada, preparando as malas, arrumo o despertador para não perder o horário. O sol começa a nascer, já é hora de levantar. O táxi chega. Mas o sentimento já não é mais aquele de ansiedade como antes. Vem o pensamento na cabeça de que chegou a hora de voltar pra casa, voltar para as responsabilidades e a rotina.

Entro no avião, sem vontade de partir, olho para trás e penso que, tudo foi incrível, conhecer lugares e pessoas novas é muito bom, mas a hora de ir embora havia chegado.

Ainda há muito o que explorar, este foi apenas o começo.

Mamãe sem-vergonha

Leilane Ferreira

Todas as mães são iguais. Mandar levar um casaco é o seu lema. Quer me tratar pra sempre como se eu tivesse cinco anos é o seu objetivo.

A pressão psicológica é indispensável no “kit mãe”:

—*Se eu for procurar e achar vou fazer você engolir!*

Acontece que o que eu estava procurando se esconde de mim e torna a aparecer pra ela.

Mãe parece ter um sensor de fofura extrema. Quando estamos em público, o sensor ativa. Lá vem ela, toda meiga, toda com vontade de me apertar. Da última vez, foi na minha formatura. Acredito que aquele dia o sensor dela explodiu:

—*Esse é meu bebê, esse é meu bebê! É a frase favorita dela.*

“Quando eu morrer você vai me dar valor!” mantra que ela usa toda vez que deseja me chantagear. Com certeza ela fez curso intensivo de como dramatizar com perfeição. Ainda não satisfeita com esse teatro todo, lá vem mais uma frase de efeito:

—*Um dia eu vou sumir desta casa!*

Numa tarde ensolarada, no calor da emoção, mamãe disse que viraria uma mendiga, pois seria abandonada pelos filhos. Saiu batendo a por-

ta. Quinze minutos depois estava de volta preparando o jantar. Ainda bem que ela voltou.

Ainda bem que ela sempre volta.

CRÔNICAS ESPORTIVAS



Caila ou Camila?

Patrícia Zeni

Era uma quarta-feira comum na vida de uma jornalista esportiva. Rodadas pelos estaduais de futebol masculino e uma partida do Brasileiro Feminino. O Foz Cataratas – meu time de predileção – recebeu no estádio Pedro Basso a equipe da Ferroviária de Araraquara e a venceu por 2 a 1. Gol no finalzinho de Priscila (ou Pâmela?). Mas isso não vem ao caso agora.

Era, precisamente, 13 de abril, quase sete horas da noite. Estava sentada no sofá da minha sala, com a televisão ligada esperando a transmissão da partida começar, como sempre, em cima da hora. A missão do dia era assistir ao jogo e fazer o texto para o Redação em Campo, portal da Web dedicado ao futebol paranaense e catarinense, ao mesmo tempo que *tuitar* as escalações, gols, intervalo etc.

Agora, a partida. Com o campo molhado, era difícil jogar. Um pouco depois dos dez minutos, Caila sofreu pênalti e ela mesma bateu. As “Poderosas de Foz”, como são chamadas, poderiam sair na frente. Mas Caila perdeu. Bateu em cima da goleira. Alguns minutos depois, ela mesma abriu o placar. Time da casa na frente, meu coração de torcedora não conseguia se conter, a classificação para a próxima fase poderia vir. Ou seria meu coração de jornalista querendo continuar a cobrir o time?

Intervalo. Fui revisar o que tinha escrito sobre a etapa inicial. Caila? Comecei a pensar quem era essa meio campista. Nova contratação? Não era possível. Não tem nenhuma jogadora com esse nome no Foz! Foi nesse momento que a vi dando entrevista e o narrador corrigindo e pedindo desculpas. Por quê? Percebi então que a artilheira do jogo até o momento era a Camila! Tudo começou a fazer mais sentido naquele momento. A sensação durou poucos segundos, quando pensei “dei os créditos no twitter para a jogadora errada”, ou pior “mandei a escalação errada, será que alguém percebeu, corrijo ou não? ”, “agora deixa eu olhar a escalação de novo” e, por último, “meu Deus do céu, ela não é a única com o nome errado”.

O segundo tempo começou com tudo devidamente corrigido. Bruna Benitez, outra jogadora injustiçada na tv (e no twitter do Redação) onde foi chamada de Betis, estava sólida na defesa, apesar do time ter levado o gol de empate. O resto do tempo com a bola rolando, prestei mais atenção que o normal. Aliás, troquei de canal, já que, por um milagre, a partida estava sendo transmitida em dois lugares. No final, Priscila deu a vitória ao Foz. Sim, acredite, foi a Priscila mesmo.

O que fiz nos próximos jogos? Passei a prestar mais atenção na escalação, mas continuei assistindo as partidas pelo mesmo canal que errara os nomes, por falta de opção.

Um ídolo que veio de longe

Thais dos Santos

Me recordo vagamente da Copa Libertadores da América de 1997 e do Campeonato Mineiro daquele mesmo ano, quando surgia um ídolo chamado Alexander Pereira Cardoso, jogador do Cruzeiro. Mal sabia que mais tarde ele atuaria no “meu time” ganhando o Campeonato Paranaense (2001) e o tão sonhado Campeonato Brasileiro (2001) elevando o nome do Atlético Paranaense. Além do título de campeão e a honra de ser ídolo de uma nação, trouxe para o time o troféu “Bola de Ouro”, da extinta revista *Placar*. Ainda em clima de festa, ganhamos o Paranaense de 2002, levando o Furacão ao reconhecimento merecido.

Lembro como se fosse hoje a dor no peito que senti quando me deparei com jornais esportivos estampados que Alexander, nosso amado atacante carinhosamente chamado de Alex Mineiro, não havia renovado o contrato com o Clube Atlético Paranaense. E eu, assim como 99% da torcida, me senti desamparada. Foi uma imensa tristeza. Nosso ídolo estava indo embora e eu chorei feito criança.

Alex fechou contrato com o Palmeiras, onde conquistou o Campeonato Paulista (2008) sendo o artilheiro do Estadual de 2008, com 15 gols, além de ser eleito o melhor atacante da competição. Depois, passou por

outro clube em 2009. Estava disponível para contratações e, como um bom filho a casa torna, o velho e amado ídolo retornou ao Furacão paranaense em 2010.

Alex, um mito, um ídolo, um monstro. Mineiro de nascença, mas no coração de todos os torcedores Atlético, um Paranaense de verdade.

Alívio em Pernambuco *Gabriel Mafra de Oliveira*

O Coritiba entrou em campo diante do Santa Cruz, em Recife, em busca de redenção. A equipe vinha jogando sob muita pressão. Precisava de uma vitória para ficar de bem com a torcida novamente.

O jogo? Esse era feio, truncado, chutões ao alto, feio de se ver. Coitada da bola! Até que em um momento o Coritiba, repetindo sua jogada rotineira – tocar, tocar, tocar, sem entrar na defesa adversária, jogar para o atleta mais aberto e alçar a bola na área e ver a bola afastada –, contou com uma infelicidade do defensor do time pernambucano, que deixou a bola passar até Kazim. Este rolou para Kléber, que, livre de marcação, mandou para o fundo do gol, ainda no primeiro tempo. Ali, a esperança se fazia, a luz no fim do túnel era vista. Sim, o Coritiba podia vencer, e vencer fora de casa.

O jogo segue. É retomado no segundo tempo. O time mantém sua solidez defensiva e ainda consegue criar chances, até que, aos 10 minutos, Kleber é derrubado na área. O árbitro decreta: pênalti! Todos se alegram, a equipe pode abrir dois gols de vantagem, pode encaminhar a vitória, vai acontecer. Vamos vencer!

Kléber, artilheiro do time, cobrador oficial de pênaltis, pega a bola,

como se carregasse a esperança nas mãos, ajeita a gorducha carinhosamente na marca fatal, se prepara e parte (neste momento, tudo congela, com o pênalti o torcedor sonha com a possibilidade real da vitória). A bola vai em direção ao gol e... não é possível! A bola não entra. O goleiro defende. *Nosso atacante não presta, o time é horrível, nosso técnico é ruim, nossa torcida é corneta, o presidente é fraco, fechem o Coritiba, coloquem o Couto Pereira no chão, não vamos vencer!* Esse é o pensamento do torcedor mais dramático, o medo do empate assombrava a arquibancada alviverde, à espera do trauma.

O jogo seguiu nos mesmos padrões, poucos sustos para a torcida alviverde, porém o medo de deixar o resultado escapar acompanhava até o final. O tempo ia se esgotando. Iríamos até os 50 minutos de partida, e agora? Isso vai até o fim? Até que chegamos aos 48 de jogo, com Felipe Amorim. O meia está com a bola nos pés, vê o goleiro adiantado e dá um toque por cima. *“Agora vai”*, pensa o torcedor. A torcida se levanta, vai acabar o sofrimento vamos matar o jogo. A bola flutua lentamente pela área do estádio Arruda, naquela linda noite de sábado da capital Pernambucana e caprichosamente beija a trave e vai pra fora!. Uma dose de sofrimento que só quem é coxa-branca sabe como é.

Dizem que ser coxa-branca é pedir pra sofrer, e estão certos,! 50 minutos, o árbitro apita, fim de jogo. O Coritiba vence, sofrendo com drama, mas, agora, o que importa? É só comemorar. O alívio chegou.

Escuta aí, Bernardinho

Karin Jaqueline de Paula

Faltando poucos dias para as Olimpíadas, o técnico Bernardinho cortou três atletas importantes para nossa seleção de voleibol, o ponta Murilo, o central Isac, e o líbero Tiago Brendle. O atleta Murilo possui muitas conquistas importantes e muita experiência, o que poderia ser o diferencial para o Brasil. Acompanhei os jogos em que Murilo voava e flutuava em quadra, sendo o melhor da partida.

Como um dos maiores jogadores fica de fora de um evento tão importante quanto as Olimpíadas? Pois é, ou Bernardinho está louco ou a seleção brasileira vai ganhar superpoderes. Pois bem, o técnico afirmava que Isac seria destaque porque tem potencial de ataque, uma capacidade enorme e é um central que tem algo a mais que os outros. Se o central tem tudo isso, por que está fora do evento? Já Tiago foi destaque na última Superliga, quando liderou a defesa que deu o vice-campeonato para o seu atual clube. Foi titular no jogo contra a Sérvia e jogou muito, com recuperações importantes. Se Tiago Brendle que tem uma recepção e uma defesa maravilhosa foi cortado da Seleção Brasileira o que esperar dessa Olimpíada?

Mais uma bola fora, quer dizer, na rede.

Mas a esperança é a última que morre e, pra mim, a primeira que

mata. Mas devemos acreditar que o comandante da seleção tem competência e habilidade, se pode se falar assim, de conquistar com a equipe o título e finalmente tirar essa zica de sempre ser vice. Porém, aqui fica minha revolta, pelo simples fato de o Bernardinho tirar o melhor ponta da história da seleção brasileira, o jogador Murilo. Ponta que, depois do corte, vai se aposentar e ficar na memória dos brasileiros como o melhor jogador de vôlei do mundo.

Minha alma é azul-celeste

Mariana Becker

Apesar de só ter me interessado por futebol em 2007, sempre fui gremista. No estado da onde eu venho tu já nasceste com um time, teus pais gostando de futebol ou não.

Quando tinha 14 anos, o Grêmio realmente me conquistou. Com vitórias improváveis, viradas impossíveis segundo especialistas do futebol.

Ao mesmo tempo em que vi meu time virar jogos que ninguém acreditava e consagrar-se campeão gaúcho daquele ano, ele jogava a Copa Libertadores da América. O campeonato mais importante do nosso continente, o caminho para conquistar o mundo.

O Grêmio vinha bem nesse campeonato e depois dos resultados dos jogos do gauchão não tinha como duvidar do imortal tricolor. Não existia impossível pro Grêmio. Nenhum torcedor gremista era capaz de duvidar que independente do time com quem se jogava e do resultado do primeiro jogo, se o Grêmio fizesse o jogo de volta em casa, no amado Olímpico, nós ganharíamos.

Faltando um mês para o meu aniversário, fiz minha vó me dar de presente a primeira camiseta do Grêmio. Tinha que torcer a caráter. Cada jogo era uma festa na rua. Passamos pelo temido São Paulo, pelo Sporting

do Uruguai, e, apesar de não termos decidido a semifinal em casa, acabamos jantando peixe frito.

Grêmio versus Boca Juniors. O dia do primeiro jogo final da Libertadores foi tenso, todos os gremistas estavam fardados nas ruas, com grandes expectativas por causa do histórico do Grêmio naquele ano. O primeiro jogo foi na nossa casa. Apesar da noite fria de junho lá estávamos, estádio lotado. A festa da nossa torcida era muito parecida com a dos Argentinos, sempre cantando e apoiando o time durante os 90 minutos. Os *hermanos* são conhecidos pela garra, pela raça, por nunca desistirem. E o imortal tricolor não era diferente, fez jus ao hino do estado, sempre aguerrido e bravo.

O jogo foi muito disputado, de dois times que tinham como lema principal nunca desistir, nada era impossível pra eles, nenhuma bola seria perdida. E naquela noite os torcedores azuis pretos e brancos assistiram a uma derrota por 2x0. Mas estamos acostumados com façanhas feitas pelo tricolor de Porto Alegre, depois de quatro viradas naquele ano, porque não faríamos mais uma? Os torcedores nunca duvidaram de que o Grêmio poderia virar o jogo. Mesmo com a tradição do estádio do Boca Juniors, não nos assustaríamos com o La Bomboneira.

A noite do dia 20 de junho estava fria e muito estrelada. Como em outras vezes nos reunimos com amigos para ver o novo milagre do tricolor. Mas ele não aconteceu, o jogo foi dominado pelo Boca e mesmo depois do primeiro gol nós ainda acreditávamos, mas então vieram o segundo e o terceiro gol. E naquela noite estrelada, sentei na calçada na frente de casa e vi mesmo com a derrota a torcida apoiar o time, chorar com ele e soltar os fogos que deveriam ser da vitória.

Depois de 2007, o Grêmio nunca mais teve um time com tanta alma e

raça. Apesar de ter a fama de ser um time de Libertadores, de mata-mata, ficou pelo meio do caminho nos principais campeonatos do país.

Agora, nove anos depois, vejo o meu time de volta a uma posição relevante em um campeonato, a Copa do Brasil. Sem grandes feitos, sem grandes viradas, o time fez o arroz com feijão quando era necessário e chegou à final sem grandes sacrifícios.

Dia 23 de novembro foi um dia diferente, tinha algo diferente no ar. Desta vez não estou no meu estado de origem, moro numa cidade em que as pessoas são mais frias e costumam ter mais de um time de coração. Quando falava que o Grêmio seria campeão todo mundo duvidava, falavam que o galo era melhor. Mas, como todos sabiam, a defesa do Atlético-MG não era tão boa assim.

Quando cheguei ao bar onde fui assistir ao jogo, já tinham cerca de cinco gremistas fardados e aos poucos foram chegando mais. Como pessoas que se conheciam, eles se cumprimentavam, coisa que em Curitiba não é comum. Não havia nenhum Atleticano identificado no bar.

Como gremistas, ressabiados com o que o Grêmio fazia em jogos decisivos nos últimos anos, acreditávamos em um jogo difícil, placar magro, até um oxo já seria vitória pra nós. Mas vibramos muito com o primeiro gol do Pedro Rocha. Depois veio o segundo. Mas nosso herói foi expulso e o time sentiu um pouco. Descobrimos que havia torcedores do Galo no local porque o Atlético fez um gol e começaram a cantar.

Então, Everton entrou em campo. Olhei pro meu pai e disse: “quando ele entra, ele tem que fazer um gol”. Com um jogador a menos, com o zagueiro se passando por lateral, a bola foi cruzada por Geromel e o Everton fez o seu gol.

Três a um para o Grêmio, que jogou mais, calando quem duvidava do time. Apesar de estarmos com uma mão e meia na taça, ainda não ganhamos. Deixaremos que nossa vitória se consolide no sete de dezembro, agora com a Arena do Grêmio lotada. Queremos a Copa, queremos o penta*.

* Em 7 de dezembro o Grêmio se sagrou campeão. A partida terminou empatada em 1 a 1.

HISTÓRIAS PASSAGEIRAS



Bola pra frente

Talita Welke Lacerda

Semana passada, estava dentro do ônibus, linha Pinhais/Rui Barbosa. Cedo como de costume. Por isso consegui um lugar para sentar, ainda bem, pois minutos depois o ônibus já estava quase lotado. Segundo antes da porta fechar entrou um adolescente, de mais ou menos 17 anos, vestindo um terno de linho e uma gravata vermelha. Carregava uma mochila, que parecia bem pesada. Como estava sentada e ele em pé ao meu lado, ofereci uma ajuda para levá-la. Curiosa, perguntei o que havia dentro dela. O rapaz educadamente me respondeu “é meu material de treino, jogo em uma categoria de base do Paraná Clube”.

Tentei achar uma relação entre o terno e as chuteiras, mas não consegui. Isso me deixou mais curiosa, e então continuei a conversa. O aspirante a jogador me passou seu número para permanecermos em contato, fiquei feliz por ele mostrar interesse em continuar a nossa prosa.

Lucas Souza Müller, de fato tinha 17 anos. Coursava o último ano do ensino médio no turno da tarde. De manhã trabalhava em um escritório de advocacia. Lucas fazia isso para ajudar nas despesas da casa. Além disso, era o sonho da Sônia, sua mãe, ver o filho exercendo a profissão de advogado.

Ele trabalhava das 8h às 13h. Almoçava correndo e ia para a escola, onde ficava até às cinco e meia da tarde. Mas o dia não acabava aí para ele, o menino ainda enfrentava mais três horas de treinos, todos os dias, na escolinha do Paraná Clube.

Perguntei para ele como aguentava essa rotina. Lucas me disse que o único meio de alcançar alguma coisa é trabalhando forte para isso.

Como uma capricorniana cabeça dura e realista que eu sou, fui procurar qual é o percentual de meninos que realmente alcançam seus sonhos na carreira futebolística. A pesquisa me desanimou, pois a cada ano que passa o número de crianças que sonha com essa carreira é cada vez maior. Contudo, menos de 30% delas têm a oportunidade de mudar suas vidas através do futebol.

A data da final do sub-19 contra o Coritiba chegou. Que jogo incrível. Lucas fez dois gols e deu uma assistência, impressionando todos os presentes no estádio, especialmente alguns olheiros do São Paulo F.C., que estavam assistindo ao jogo em busca de talentos para o time paulista. Lucas foi o destaque do jogo, no final foi premiado como o “homem da partida”. Que orgulho do menino que eu havia conhecido dentro do ônibus casualmente.

Fiquei sabendo depois que o jovem atacante tinha conseguido um contrato com o São Paulo. Lucas estava de mudança para a metrópole paulista, deixando para trás as estatísticas de que o mercado do futebol é algo quase impossível no Brasil.

“Ao embarcar aguarde sempre o desembarque”

Ana Caroline Paulino

O recado é sempre o mesmo. Independente da linha, do dia, da hora, da estação ou terminal: *Ao embarcar aguarde sempre o desembarque.*

Foi esse aviso que a menina de oito anos, negra, cabelo crespo, magra como a Olivia Palito, com olhos murchos, não ouviu, quando estava com sua irmã mais velha no estação-tubo do Teatro Paiol aguardando o ônibus Boqueirão–Centro Cívico em pleno domingo. Ela entrou no ônibus, ansiosa para visitar a sua tia no Xaxim e, de repente, *cadê todo mundo?*

Olha para os lados e vê um bando de gente desconhecida, logo se lembra do maior conselho da sua mãe “Não converse com estranhos”. A sua frente ela enxerga a irmã. Seria uma ótima notícia, não fossem uma porta e uma plataforma separando as duas. Sim! A garota estava dentro do ônibus e sua responsável ainda no tubo. O ônibus dá a sua primeira acelerada. A menina se desespera, sai correndo empurrando tudo que vê pela frente, até alcançar seu destino, o motorista.

—Moço, moço, volta, por favor! Minha irmã ficou pra trás! Estou sozinha!” – disse isso com a voz frágil e trêmula de uma criança de oito anos.

O motorista imediatamente deu uma ré e a história teve seu final feliz, a irmã entrou e a garota conseguiu chegar sã e salva à casa da tia.

Essa história aconteceu há onze anos. A garotinha sou eu. Aos 19 anos, ainda pego na mão de quem está comigo para entrar no ônibus, por medo de ficar sozinha, seja no tubo ou no ônibus.

Imagino que cenas como esta aconteçam todos os dias em Curitiba. 1.620.000 passageiros são transportados por ônibus nos dias úteis pela região metropolitana de Curitiba. São 250 linhas disponíveis, distribuídas entre os 1.320 ônibus em circulação, que passam por 342 estações tubos e 21 terminais, segundo a URBS (Urbanização de Curitiba – órgão responsável pelo transporte coletivo na cidade).

Não é possível concluir se o “empurra-empurra” para entrar nos veículos é culpa dos passageiros, que não esperam a saída de quem está desembarcando, e correm desesperados para conseguirem um banco pra sentar, ou se a culpa é do tamanho da frota, insuficiente para levar todos os passageiros para casa ou trabalho com conforto e dignidade.

Sei apenas que no meio desse empurra-empurra uma frase que escuto todos os dias me marcou: “Ao embarcar nos ônibus aguarde sempre o desembarque!”.

Estranhos conhecidos

Jaqueline Correia Deina

Durante cerca de um ano trabalhei no centro da cidade. Pegava todos os dias o mesmo ônibus – Curitiba/Conjunto Atuba – em direção ao terminal Guadalupe. Mesmo motorista, mesmo cobrador, mesmo grupinho de domésticas sentadas no fundo do ônibus tagarelando sobre as patroas e os filhos endiabrados destas. Mesma moça *cult*, cheia de tatuagens, corte de cabelo descolado e aquela mochila da faculdade com o nome do curso bordado em letras gigantes. Mesmo garoto sentado na terceira fileira de bancos duplos, cochilando com a cabeça encostada na janela e um skate no meio das pernas.

Depois de certo tempo essas pessoas já não eram mais estranhas para mim, e acredito que também passei a ser uma “estranha conhecida” para elas. Ficamos tão acostumados a ver os mesmos trabalhadores, estudantes e vizinhos dentro da velha lata de sardinhas CTBA–Atuba que passamos a guardar gestos, olhares e até manias de alguns. Se você, assim como eu, é uma pessoa observadora, começa a prestar atenção na forma como essas pessoas agem, nos lugares onde sempre sentam e se pega imaginando quem são e para onde será que elas vão todos os dias no mesmo horário e direção que você está indo. As domésticas se separavam na metade do trajeto,

deviam trabalhar em algum daqueles prédios bonitos no bairro Cabral, enquanto as outras seguiam tagarelando até o próximo ponto. A garota tatuada descia sempre atrás do Teatro Guaíra, e pouco tempo depois, o garoto do skate era acordado com um solavanco após a curva que nos avisava da chegada no terminal.

Dia desses estava indo ao mercado e cruzei com um rapaz e, na hora, eu o cumprimentei com um “oi” e um leve aceno de cabeça. Ele pareceu não entender o porquê, mas me cumprimentou mesmo assim. Sorri ao passar por ele e pensei comigo “engraçado, será que ele não me reconheceu?”. Naquele mesmo instante me dei conta e parei no meio da rua. Sempre fui muito tímida, e pude sentir meu rosto ruborizando enquanto repetia para mim mesma “que vergonha, meu Deus, como sou idiota!”.

Eu não conhecia aquele rapaz, mas ele era tão familiar pra mim que foi natural cumprimentá-lo como se eu o conhecesse. Ele era um daqueles estranhos conhecidos que eu costumava observar todos os dias nos bancos e corredores do ônibus. Como boa curitibana que sou, nunca tinha dirigido sequer um aceno para ele dentro do ônibus, que dirá ter a audácia de soltar um “oi”.

Depois daquele dia confesso que analisei a forma como eu entrava no ônibus todas as manhãs. Percebi que na maioria das vezes era aquela fachada séria, cabeça baixa. Aquilo não me agradou. Pensei, “poxa, você vê essas pessoas todos os dias e não é capaz de dizer um bom dia?”. Acho que comecei a mudar a partir dali. Pela minha natureza, ainda é difícil conversar com estranhos; mas sorrir e dizer bom-dia ao cobrador e ao motorista já consegui. E, sabe, tem valido o esforço.

O rato do ônibus

Ana Paula Oliveira

Você já deve ter ouvido falar na fábula “A ratoeira”, história de um ratinho do campo que pediu ajuda a alguns animais de uma fazenda e não foi atendido. Ninguém se preocupou com o fato dele poder ser morto por uma ratoeira. No final a ratoeira matou todos, menos o ratinho.

Esses dias, no ônibus, me lembrei dessa história, que minha mãe contava quando avistava um morador de rua. Me veio à cabeça quando vi um homem pedindo dinheiro aos passageiros da linha Santa Cândida–Capão Raso. Uma situação que se repete todos os dias no transporte público de Curitiba.

Era um dia chuvoso e frio, estava indo para a faculdade e, assim que embarquei no ônibus da linha CIC–Cabral, um rapaz que aparentava uns 20 anos de idade, magro, não muito alto e com algumas tatuagens estranhas pelo corpo, entrou no ônibus também. Carregava uma bolsa cheia de “livros mágicos”, infantis, que ele mostrava aos passageiros. Havia alguns desenhos em 3D, que davam a sensação de movimento quando ele colocava uma tela fina, de plástico duro, em formato quadrangular, em cima do desenho.

Pretendia vender aos passageiros. Cada livro custava apenas dois reais. Quando entrou, esperou alguns minutos e assim que passou a estação tubo Comendador Fontana, ele começou a contar sua vida. Nasceu em uma pe-

riferia na cidade de Cotia, em São Paulo e, quando tinha 12 anos, começou a cheirar cola e o tempo foi passando e a cola já não era mais interessante.

Começou a usar maconha, depois passou para a cocaína e quando viu estava perdido no mundo do crack. Sim, aquela famosa droga que costuma não largar seus dependentes. Começou a beber e a roubar sua própria família, para alimentar o vício. Quando percebeu que não tinha mais condições de roubar seus pais, ele começou a roubar pessoas no centro da cidade. Entregou-se ao crime. Chegou a receber ameaças e até apanhar de traficantes. Foi preso cinco vezes, por portar drogas. Mas afirma nunca ter matado ninguém.

Na prisão, ele queria mudar de vida, mas não podia fazer isso sozinho. Mas as pessoas o viam como uma “alma perdida”, viam até como seria sua morte. Porque é isso que a maioria pensa quando se depara com um drogado: “esse daí vai morrer com cinco tiros na cara, para aprender”.

E enquanto ele falava, as pessoas no ônibus ligavam seus fones de ouvido, fingiam que dormiam, começavam a falar pelo celular, e até pediam para ele parar de incomodar ou simplesmente o ignoravam. Mas ele não desistia. Continuou falando que sua vida mudou depois que certa noite, quando um senhor foi até sua casa, lhe deu um livro e, dentro desse livro, havia um endereço e um telefone. Mal sabia ele que aquele endereço era a porta que mudaria a sua vida. Decidiu ir até o local, começou a participar dos grupos e palestras, e chegou a se internar para largar as drogas.

Durante seis meses, ele leu várias vezes o livro que ganhara. Nunca mais viu o homem que lhe dera o livro. O livro foi a sua ratoeira, mas uma ratoeira do bem. O rapaz foi pego por ela e mudou a sua vida. Hoje ele faz palestras em ONGs, ajuda dependentes químicos e faz trabalho voluntário nos ônibus de Curitiba.

Corredor Polonês

Eduardo Strenski

Quem nunca acordou de madrugada para trabalhar ou estudar num dia estupidamente frio e, em vez de levantar, coloca o despertador para tocar dez minutos depois só para criar coragem de pular da cama. São dez minutos que perdemos e não conseguimos mais recuperar porque sempre chegamos no horário brasileiro: atrasado – seja no horário de inverno, verão, outono ou primavera.

Após o martírio de levantar, vem a hora de vestir-se: a boca treme, os músculos se contraem, mas você pega a primeira peça de roupa que está pendurada no cabide ou jogada em cima da cadeira, em geral aquela já com o formato do seu corpo.

Depois de se lamentar por acordar cedo, vem a parte de colocar a mão na água, que – não sei como! – não congela nas tubulações. Tudo isso para escovar os dentes. Já o café da manhã fica para depois mesmo, porque não dá mais tempo pra isso.

Agora é abrir a porta e sentir-se no Polo Norte, sair com a mão no bolso e orelhas cobertas para evitar o choque térmico e andar se retorcendo até o tubo, ponto ou terminal mais próximo de casa para esperar o “ônibus”.

Na linha Centenário–Campo Comprido embarca o ambulante da Assembleia de Deus querendo levar a palavra do Senhor e, também, suplicando que levem, por apenas algumas moedinhas, a fantástica lanterna colorida, cujo feixe de luz atinge incríveis 15 metros. Diz ele que o dinheiro irá salvar as vidas de pessoas que estão no mundo das drogas.

Muitas vezes, nesta hora, testo minha paciência. Se eu seguro a lanterna, é porque estou de bom humor; se não seguro, significa que não estou pra conversa; se eu ajudo com uma moeda, é porque estou loucamente feliz, ou porque estou sonhando ser o novo ganhador da Mega-Sena.

Logo após o vendedor da Assembleia de Deus desembarcar, chega o surdo com uma folhinha que nos ensina a conversar por gestos. Muita gente olha para folha e nem dá “bola”. Tem quem olhe para a folha e tente reproduzir os movimentos que estão na folha, outros ajudam com uma moedinha de dez centavos. Uma vez vi uma mulher dar vinte reais, fiquei de “boca aberta”.

Quando você acha que acabou o movimento de ambulantes e pode curtir de “boa” sua música preferida no fone de ouvido, chegam “do nada” dois cantores. Um deles sempre usando chapéu. Tocam e, claro, no final pedem uma contribuição, seja com “um sorriso ou então uma moedinha”.

Após as aventuras de acordar cedo no frio e pegar ônibus, vem a parte de caminhar até o trabalho, colégio ou faculdade, e desviar dos vendedores de alfajor, de entregadores de panfleto e de suspeitos. Daí sim, depois de tudo isso, o dia pode começar.

Quebrando a rotina

Julio Pagnan

Levanto. Vou ao banheiro, lavo o rosto, lavo as mãos, escovo os dentes, me apronto e saio. Vou para mais um dia de estudo e trabalho.

Pego meu primeiro ônibus. Tudo normal. Os mesmos rostos, a maioria sonolenta pelo horário, enfim são sete horas e pouca gente conversa. Muitos passageiros com fones de ouvido como eu, provavelmente escutando boa música, ou não. Mas poucos estudando, como eu.

Levanto. Agora para descer no terminal e pegar meu segundo ônibus, tudo normal. Ainda.

A espera não é longa, já que aguardo o Ligeirinho, ônibus que realiza seu trajeto com poucas paradas.

Embarco, fico em pé no meu local preferido, a porta. Ali, acredito, é o lugar ideal pra quem não consegue sentar, você não incomoda ninguém, não corre o risco de ser acusado de assédio, já que fica encostado na porta.

Nada difere da rotina dos outros dias. Continuo estudando. Até que eu percebo algo que fogia ao olhar de todos. Não, de todos, não, mais uma pessoa sabia o que estava acontecendo. Víamos uma moça, vestindo uma calça colorida de academia visivelmente incomodada.

Percebo isso pelos movimentos do seu corpo tentando se esquivar de

um velho, senhor grisalho de roupa bem alinhada, que se mantinha atrás dela, firme na ânsia de se esfregar no corpo da jovem.

Eu, na porta, a menos de um metro dos dois, separado por algumas pessoas que se empurravam nos movimentos de aceleração e freada do ônibus, me questionava ao olhar em volta e perceber que aquilo não era a rotina apenas dos dois, mas de todos que compactuavam com aquele abuso. Os sentados fingiam-se de dorminhocos, como aqueles que agem assim pra não ceder o lugar para um idoso. Já os que estavam em pé nada faziam, nem um olhar, mesmo quando a jovem empurrava as pessoas ao seu lado para se desviar do velho.

Somente eu indignado. Enquanto isso o velho se deleitava, e a jovem não dava um pio. Provavelmente de medo ou constrangimento. Me veio a dúvida, talvez se conhecessem, talvez ela gostasse.

Talvez. Talvez. Talvez.

O que eu poderia fazer contra o abusado velho, sem um pedido de socorro ou de indignação?

Lembro do que meu pai sempre me ensinar na infância – e que agora passo para meu filho –, sobre educação, respeito ao próximo, limites, crimes, abusos, intolerância, preconceito.

Volto à cena, a moça agora está de lado. O velho muda a tática. É a mão que age.

O ônibus para em um dos poucos pontos, o povo que estava entre mim e o velho descem, tenho plena visão. O que faço, diante daquela cena, é arriscado, mas necessário. Me estico e, da porta mesmo, chuto a panturrilha do velho uma vez. Nada. Ele se finge de morto. Chuto uma segunda vez, ele se mexe, incomodado, mas não olha para trás.

Entra na minha frente um garoto e uma senhora corpulenta e carrancuda. Não demorou para ela perceber que eu estava incomodado com algo, talvez tenha achado que seria com ela.

Levanto agora minha voz:

—É um absurdo, faz pelo menos uns dois pontos que vejo aquilo ali, ó!

Foi o bastante. A senhora virou-se e viu a cena.

Ela volta a me olhar com ar de indignação, maior ainda que a minha e questiona:

—É sério isso? Isso é um absurdo mesmo.

O velho continua seu ataque, enquanto a garota já está em nova posição.

Explico àquela senhora que não posso tomar uma atitude sem uma ação por parte da moça, pois eu estaria agredindo um velho sem motivo e as pessoas poderiam não compreender. Mesmo falando em voz alta nada acontece.

A senhora não se contém, se vira e atinge a cabeça do velho com o cotovelo. Ela com sua imponência não deixa dúvidas: aplicou um “sai-pra-lá-velho-asqueroso”.

O velho olha para trás com ar espantado, pela dor na cabeça provavelmente, mas volta aos seus afazeres.

Ela se volta para o local inicial ainda mais indignada com a situação.

O velho agora está ressabiado.

Levanto mais uma vez minha voz:

—É um safado mesmo, não tem vergonha na cara.

Ele me olha, como quem diz, é pra mim isso? Respondo de pronto:

—É com você mesmo, não tem vergonha, não? Safado!

Ele se vira pra uma última encoxada.

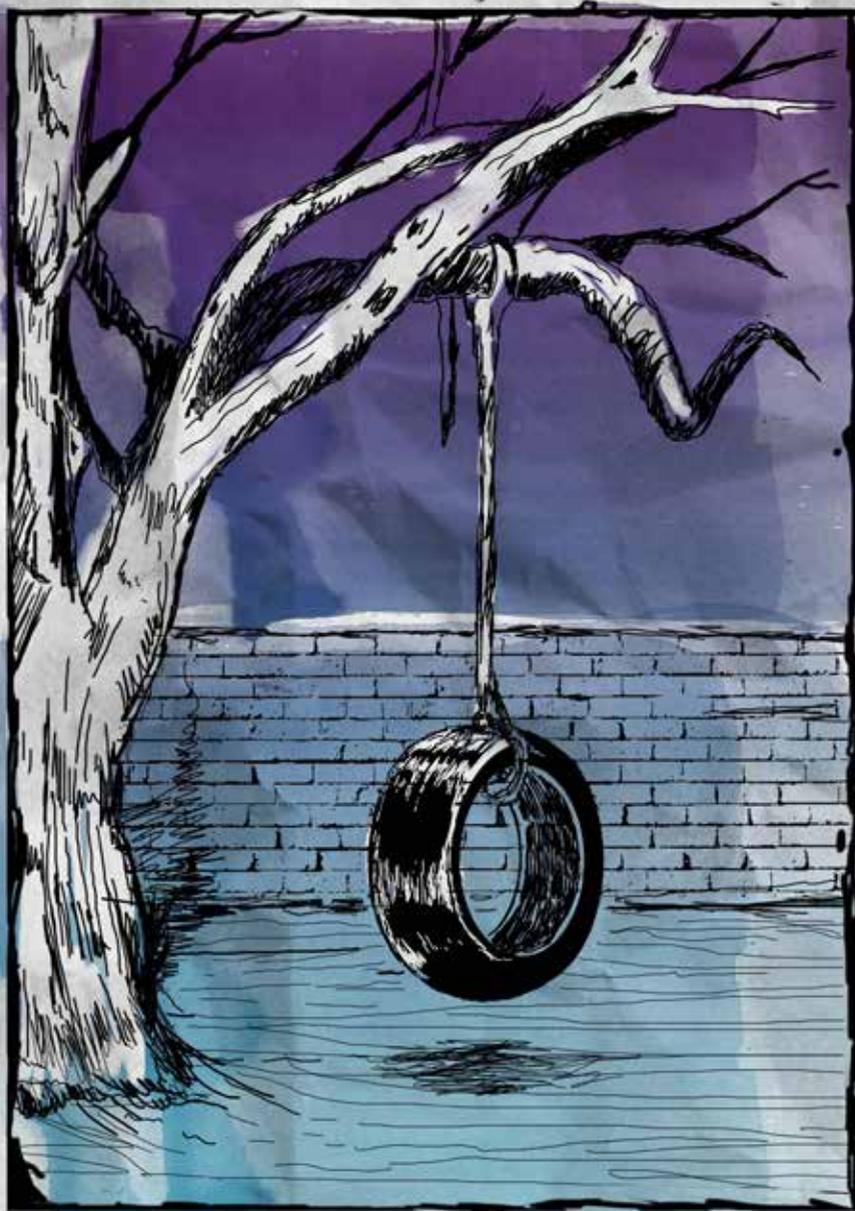
Pronto, ele se afasta da moça, mas não se vira para me olhar, percebeu que não sairia dali inteiro se continuasse. A moça parou de trocar de lado, parou de olhar em volta, parou de se incomodar.

Eu e a senhora continuamos nosso caminho sem conversar, mas aliviados.

Na parada seguinte, desço juntamente com a senhora e a moça. O velho não. Ninguém se comunicou, acho até que a moça nunca percebeu o que houve por trás do velho.

Aquelas três pessoas mudaram o meu dia, saí da rotina.

QUINTAIS



O Banho

Robson Brandão

Um lindo dia de sexta-feira, tem que ser assim. Dia ensolarado, calor, lindo dia. Tem que ser assim para que *ele* possa tomar seu banho semanal. Ele é o Mussum, meu cãozinho de estimação. Nome dado em homenagem ao meu personagem preferido dos Trapalhões.

Mussum é um cãozinho muito dócil e obediente, porém rueiro. O mais rueiro de todos. Assim como o personagem da televisão, adora uma farra. Pelo menos uma ou duas vezes ao dia, ele sai às ruas para dar seu passeio pelo bairro. Sozinho, vai e volta.

Basta ouvir “*Vamos passear?*” que começa a saltitar sem parar até que eu abra o portão. Enquanto pego a chave para destravar o cadeado, que muitas vezes fica emperrado e difícil de abrir devido à ferrugem, ele está ali, saltitando ao meu lado. Cada salto é acompanhado de umas quatro balançadas de rabinho. Mistura de buldoguefrancês com vira-lata, com aproximadamente 8 quilos, uma pequena faixa de pelos brancos no peito, Mussum é bem pretinho, igual ao Mussum da tv. Com apenas três anos e meio de idade já esboça um charmoso bigode branco, coisa que o humorista não tinha. Leva também algumas marcas no corpo. Arranhões, falta

de pelos em algumas partes do corpo como patas e pescoço, possivelmente brigas que arrumou pelas suas andanças pelas redondezas.

Agora, se digo “*Vamos tomar banho?*”, pronto. Deve soar como uma tentativa de homicídio. Baixa as grandes orelhas, o olhar expressa dor e sofrimento, uma espécie de pedido de socorro. Quando me aproximo na tentativa de levá-lo até o banheiro para darmos início aos trabalhos, ele se esquiva, ligeiro. Corre para o quintal de casa, se escondendo atrás ou embaixo do meu Pálio 97. Só jogando água em sua direção para que saia dali. Uma vez capturado, levo-o para o banheiro, o mesmo onde tomo banho todos os dias.

Tudo já está previamente preparado. Banquetinha de plástico, escova para ajudar a esfregá-lo, xampu para cães com pelos negros, e sua toalhinha roxa.

Solto-o no banheiro, fecho a porta para que não fuja, abro a porta de plástico azul do box, ligo a ducha Lorenzetti na temperatura verão e pronto. O “*matadouro*” está preparado.

Peço gentilmente para que o Mussum entre no banho. “*Vamos Mussum, entre, a água está bem quentinha*”. Mas não há santo que o faça entrar por pura e espontânea vontade. Pego-o no colo e gentilmente coloco-o dentro do box. Pronto, agora não tem mais escapatória.

Com a mangueirinha vou molhando-o aos poucos, a água que sai da mangueira, cristalina, ao terminar de percorrer seu corpo e escorrer pelo azulejo, torna-se marrom de tanta sujeira. Sobe aquele cheirinho de catinga, parece que não toma banho há anos. Nessa hora, penso: onde será que esse cachorro se meteu para feder tanto? Será que entrou num cano de esgoto ou mergulhou no chorume? Eca!

Chegou a hora do xampu. Desse momento, creio, ele parece gostar, pois o esfrego com a escova e ele faz uma cara de quem está delirando e gozando. Ao término da primeira “demão” de xampu, vem o enxágue, parte que ele já não gosta muito. Enfia o cocuruto debaixo da banquetinha na tentativa de não deixar cair água em sua cabeça, o que o deixa visivelmente desconfortável. Tenho que ficar tirando-o debaixo do banco a todo o momento. Essa é a parte que me irrita.

Uma vez repetida essa operação pelo menos umas três vezes, pronto. Catinga eliminada.

Agora a parte do banho de que o Mussum mais gosta, se enxugar com a toalhinha roxa. Pego-o no colo, levo-o até o quintal e deixo-o dar aquela típica sacudida para eliminar o excesso de água. Percebe a toalha esticada esperando por ele. Pronto. Festa total. Vem esfregando seu focinho e cabeça fazendo um barulho engraçado. Parece um cavalo relinchando. Essa é a parte de que mais gosto. Enquanto eu estiver ali com seu trapinho roxo ele virá para se esfregar, se deliciando naquela tentativa de brincar, receber carinho, e sei lá mais o quê.

Feito! Agora é só aproveitar o lindo dia de sexta-feira, dia de sol, calor. O pior já passou, e o Mussum aproveita os raios solares para se secar, ali no canto da garagem, deitado, quietinho.

Bolinhos de chuva

Luana Joly

No feriado, estava em casa, à tarde. Olhei pra rua, não havia nenhuma criança, um silêncio fúnebre, total. Silêncio esse que não lembrava em nada a mesma rua agitada da minha infância. As crianças estavam todas trancadas em suas casas e apartamentos com seus tablets, celulares, videogames em mãos. Na minha época, os anos 90, isso seria um tédio, para quem estava acostumada com amarelinha, patins, caçador, carrinho de rolimã e outras brincadeiras. Para eles, porém, essas novas tecnologias são a sua diversão.

Fui pra cozinha fazer bolinhos de chuva. Lembrei na hora da minha vó e da minha tia-avó. Das tardes da minha infância, nas quais elas faziam bolinhos de chuva ou “da graxa”, nome que também dão pra eles aqui em Curitiba. Eram tardes alegres sem preocupações, sem contas a pagar. Tempo em que eu estudava de manhã e, como meus pais trabalhavam, ficava à tarde na casa da vó Zelly e da dona Ivone, minha tia, que era também uma segunda mãe. Havia também Adriana, uma filha de criação da minha avó.

Chegava, ia almoçar, brincar na rua até a noite, quando não tinha tarefa. Nessas tardes as bolas de vôlei iam parar todas em cima do telhado de uma fábrica de café, que ficava do lado. O chão das calçadas ficava todo

sujo de giz de cera, por causa do jogo de amarelinha. Pulávamos, pulávamos, até chegar ao céu. Minhas primas e vizinhas muitas vezes iam lá e era uma alegria só. E joelhos todos ralados de tanto brincar e correr.

Além das brincadeiras, íamos à locadora alugar fitas de vhs, novidade na época. Havia acabado de abrir uma videolocadora no meu bairro, perto da PUC. Meu pai tinha acabado de comprar um videocassete. Alugamos umas fitas e pudemos assistir a filmes como *A Lagoa Azul*, *Os Trapalhões*, *A Xuxa em lua de Cristal* e outros.

Saí da cozinha correndo, pensativa, e fui ao portão. Não havia nenhuma criança novamente para comer os bolinhos de chuva que estavam na frigideira.

Pena.

Que saudades dos meus anos 90.

Se essa rua fosse minha *Edgar Fernando de Araújo*

Hoje acordei com a gritaria de alguns meninos correndo e soltando pipa na frente da casa onde moro. Engraçado, entre os gritos e o reflexo do sol batendo na cortina azul do meu quarto, acabei sentindo um cheiro de saudade.

Lembrei de minha antiga casa, onde morei cerca de vinte anos, ela ficava quase em uma esquina. Conhecia todos os vizinhos, o da frente, os dos lados, da quadra de baixo, enfim, quase todos do bairro. Diferente de hoje, o máximo de contato que tenho com os que me cercam aqui é um “oi”, meio amanhecido, quando encontro alguns deles no ponto de ônibus pela manhã.

Na minha antiga casa, conhecia até mesmo os vizinhos da outra ponta da rua. Entre eles um senhor já de idade, aparentava ter uns 60 anos. Gostava de jogar futebol no meio dos mais novos. Às vezes as boladas decorrentes dos jogos mais competitivos o assustavam, mas ele mantinha a esportiva. Diziam que carregava no corpo o espírito de seu filho, assassinado aos 25 anos, por isso o seu jeito de ser era sempre tão jovial. Não acredito em lendas urbanas.

No meio da rua, em um espaço descrito como vago pelos mais anti-

gos, havia um campinho de areia. Ali, quantas vezes fui Ronaldo, Ronaldinho, Rivaldo. Quando despertava do imaginário era apenas um garoto de cabelo tigela, com os pés sujos de areia, voltando para casa ao cair da noite. Batizado de “Maracanãzinho”, foi palco de grandes jogos. Jogos que duravam por volta de duas horas e meia e o grande troféu era uma garrafa de tubaína na mercearia da rua de cima. Mercearia que também me traz lembranças. O dono era um senhor de cabelo mal cortado ou descuidado, que atendia pelo apelido de “Bozo”. Mas de palhaço não tinha nada, pois vivia na esperança que alguém comprasse sem notar os pacotes de bolachas vencidas que ele insistia em deixar nas prateleiras empoeiradas.

Em épocas de Copa do Mundo, saíamos atrás de arrecadar fundos para decorar os postes com bandeirinhas e pintar as ruas e os meios-fios. Os corações verdes e amarelos desenhados na rua muitas vezes pareciam maçãs. No final o que valia mesmo era a festa. Festa que deixava vestígios por muitos meses, mesmo que a nossa seleção não se saísse tão bem.

Na frente da minha casa moraram duas famílias diferentes. Da primeira me lembro muito pouco, pois eu era criança demais. Recordo-me de um senhor grisalho que dirigia um FordGalaxie, de voz grossa, parecia estar sempre com pigarro, seu Agenor. Eu e meu primo ficávamos horas olhando pela janela e admirando aquela máquina. Quando entrávamos correndo para dentro de casa, depois de brincar, nossa falecida avó, soltava sempre a mesma frase “*Outra vez a banheira estacionada ai na frente*”.

Os vizinhos eram pacíficos, costumavam se encontrar e bater longos papos pelas manhãs em volta da Kombi do verdureiro. Eu sabia os horários certos em que ele e o carro dos sonhos passavam, e também havia decorado as músicas e vinhetas, coisas de moleque. Às vezes eu ajudava uma senhora

a carregar as sacolas até o portão da casa onde ela morava. Senhora de sorriso fácil, e voz engraçada. Ela e seu marido formavam o casal mais antigo da rua. Quando faleceu, a solidão ficou estampada no rosto do pobre marido. Os cintos que apertavam as calças um pouco acima da cintura com as camisas sociais por dentro pareciam apertar também a saudade de sua companheira. Em uma quinta-feira, meio chuvosa, ele não despertou para ir até o carro do verdureiro, todos sabíamos o quanto ela lhe fazia falta. A saudade é cruel.

Sentado na porta de casa, olhando a molecada soltar pipa, fico pensando, quinze anos atrás eu estava ali. Mesmo sendo em outro bairro, em outra rua, com outras pessoas. Por lá, pelo que sei, tudo continua bem. Mas o tempo passa, mudamos de vida, de endereço. No final da minha rua não tem bosque, se tivesse, se chamaria solidão. Por hoje, fico apenas com a referência: Ah, se essa rua fosse minha.

OUTROS OLHARES



Primeiro ato

Nayara Caroline Rosolen

Havia chegado o grande dia. Passaram-se dois meses entre a apresentação dos diretores, os testes para que descobrissem quem se encaixaria melhor em cada personagem e as dificuldades encontradas para entender do verdadeiro significado do teatro. Mas nem mesmo a ansiedade desse período chegou perto do real sentimento de que em menos de uma hora subiríamos ao palco pela primeira vez, com a plateia quase lotada.

Aquela salinha onde já havíamos entrado antes para alguma aula de técnica vocal, agora estava preenchida com a energia trazida por todos os atores do elenco. As cadeiras brancas empilhadas e encostadas no fundo da sala nos lembravam as inúmeras vezes usadas como apoio para o cenário. O sofá com aparência antiga quase não podia ser visto embaixo de todas as bolsas, roupas e adereços que logo estariam em cena. O espelho que cobria metade da parede branca agora refletia olhares concentrados, com corpos e mentes claramente inquietos.

O primeiro sinal foi ouvido.

Um “Pai Nosso” foi rezado em coro, na roda fechada, com as mãos dadas e os pés encostados uns nos outros. Uma corrente para que a boa energia não saísse do nosso meio, nos disseram os diretores. O teatro tem

desses rituais, que nos contagiavam. Com os olhos fechados, puxamos toda energia positiva. Ao abri-los, soltamos as palavras enquanto olhávamos uns nos olhos dos outros. “Junto minha mão à sua e meu coração ao seu, para que juntos possamos fazer aquilo que sozinho eu não consigo”, estávamos conectados.

Após um grito conjunto de “Merda” (boa sorte para os atores), os olhos, que antes se encontravam tensos, agora brilhavam.

O segundo sinal soou deixando todos ainda mais inquietos.

Enquanto subíamos, um a um, com todo cuidado para não alertar a plateia atrás das cortinas, mil pensamentos rodeavam a cabeça. Desde aquele desejo inicial de estar em cima do palco, algo quase impossível anos atrás, até as ideias que vinham naquele momento. O piso de madeira, já gasto pelos inúmeros espetáculos apresentados, rangia os inúmeros sonhos que já haviam se concretizado ali. O cenário simples, com apenas um cubo centralizado e uma cadeira antiga logo ao lado, traduzia as treze pessoas que ali se apresentariam. Um pouco “crus” nessa arte que tem um peso social tão importante, como o de colocar em reflexão os desafios encontrados no dia a dia. Mas prontos para serem os melhores que poderiam.

Após o terceiro sinal e o abrir das cortinas, todo o nervosismo e ansiedade se transformaram em um verdadeiro sentimento de conforto. Estavam “em casa”.

Dinheirocentrismo

Mariana Maciel

“Cientistas afirmam que mancha de Júpiter pode ser fonte de calor” é a chamada da matéria que acabei de ler. Como algo tão distante pode interferir tanto em nossa vida aqui na Terra?

“A tempestade na mancha, que tem 22 quilômetros por 12 mil quilômetros de superfície, pode ser grande o bastante para acomodar três vezes a Terra em sua área ativa”, diz a matéria. Dei-me conta de que, neste universo, não somos quase nada mesmo. E muito menos se formos levar em conta a teoria de que não existe apenas um único universo.

Apesar disso, achamos que somos o centro de tudo. Ficamos tão imersos nas rotinas, envolvidos com as questões humanas – política, cultura etc. que esquecemos que vivemos nesse mundo que não é quase nada.

Um arranhado no carro que apareceu no fim de semana; quem tem o celular mais novo; a roupa da moda. Podem existir milhares de coisas que a humanidade nem sonha, mas no momento só o que interessa é um pedaço de papel. Dinheiro. Se não der lucro, não importa.

Não sei exatamente qual a minha intenção escrevendo isso, já que sei que nada vai mudar. Mas não acredito que exista como progredir com o mundo doente.

Falando nisso lembrei-me de um trecho de um livro que li do astrônomo J. E Steiner: “O modelo heliocêntrico provocou uma revolução não somente na astronomia, mas também um impacto cultural com reflexos filosóficos e religiosos. O modelo aristotélico havia sido incorporado de tal forma no pensamento, que tirar o homem do centro do universo acabou se revelando uma experiência traumática.”

Não aceitamos não ser o centro do universo já faz muitos anos. Destruímos e nos apropriamos de tudo, escravizamos tudo o que há ao redor. O homem é dinheirocentrista.

Aos poucos vão restando poucas coisas pra nos apropriarmos e destruímos; estaremos em luta, uns contra os outros, se não mudarmos este pensamento.

Apesar de toda a complexidade do universo é preciso continuar seguindo, portanto agora vou terminar de cumprir minhas tarefas do dia.

Delinquência

Eugênio Vinci de Moraes

Era uma Disneylândia de açúcar. Três fatias de torta me encaravam da vitrine com um olhar de cão carente. Parecia ouvi-las dizer: “Vem, me leva, me devora, me chama de docinho”.

Isso se deu na hora de pagar. E não pensem que eu estava na Confeitaria das Famílias da rua xv ou na outra, da Rocha Pombo, da qual desvio para não entrar e comprar um time todo de “Pelés” – doce maravilhoso de chocolate com rum. O camisa 10 das confeitarias de Curitiba.

Não. Era um boteco, decente, mas boteco da Saldanha Marinho, no trecho colado à praça Tiradentes. Havia comido duas esfirras. Paguei e guardei os dois reais que sobraram para pagar o flanelinha. Nesse meio tempo batia um papo como o dono do estabelecimento. Conversávamos sobre *os nôia* da rua, tráfico de drogas, assaltos. Temas clássicos de bar.

Sentia-me seguro ali, cercado de traficantes, viciados, ladrões amadores e profissionais. Mas nada indicava que seria assaltado por uma quadrilha de açúcar até me dirigir ao balcão com o dinheiro da conta e olhar através da vitrine: um pedaço de *cheesecake* coroado por uma calda cor de vinho photoshopada, uma fatia de torta de mousse, do qual deslizava um riacho de chocolate; e pra acabar uma torta alemã, que formava uma faixa

suicida de bolacha e creme à minha frente.

A essa altura já não ouvia o que o dono do boteco falava. Um motim avançava entre meus neurônios. O pobre capitão da dieta, neurônio solitário, tentava conter a multidão de neurodoce, que àquela altura enviavam sinais para minha língua, da qual brotavam gotas como se fossem formar as cataratas do Iguaçu. O neurônio solitário prevendo a derrota gritava a plenos pulmões (ou neuropulmões?) “O coração, lembrem-se do coração!”

Quando tudo parecia perdido, uma voz melíflua flauteou ao meu lado
—*Moço, embrulha estes três pedaços pra viagem.*

O longuíssimo indicador ligado àquela voz apontava para a vitrina. Eram as tortas. Deu-se um apagão na minha nau neuronal. Depois de cinco segundos, com os olhos esbugalhados e a boca aberta, despedi-me do dono com um tchau apressado e corri aliviado para o braço dos delinquentes da Saldanha Marinho.

Jornalismo (im)possível

Ariadne H. Körber

Num desses últimos dias de fevereiro, ao chegar no serviço, liguei o computador e depois de verificar meus emails e a agenda do dia, fui abrindo a *Gazeta do Povo*, o G1 e comecei a ler as notícias. Abri também uma página da UOL onde havia algumas poesias do João Cabral de Melo Neto.

Lá estava eu, horrorizada com as notícias de corrupção e a forma com a qual nossos governantes têm tentado parecer “bonzinhos” para o povo enquanto buscam seus próprios interesses; com a desigualdade social; extremismos políticos e religiosos banindo ou impossibilitando pessoas de conseguir asilo e terem uma vida digna; bombardeio na Síria; famílias mortas.... E diferente de alguns leitores, espero que não muitos, que sentem-se aliviados por não serem eles a passarem por essas situações, aquilo foi me entristecendo de tal forma que eu mal conseguia respirar. Essas reportagens me fazem pensar no porquê de algumas pessoas não gostarem de ler jornal. É aquela coisa “Minha vida já é uma desgraça, não preciso ficar lendo, ou ouvindo, ou assistindo mais disso todos os dias!!”.

Mas como aspirante a jornalista, como alguém curiosa e com o desejo de conhecer e tentar entender o mundo, não posso me dar ao luxo de não acessar as notícias porque elas me fazem sentir um pouco mal. Preciso ler, aprender

como escrever e afins. Sei que existem os critérios de noticiabilidade, que fazem de um acontecimento uma notícia, e fazem o jornal vender. Não me entenda mal, leitor, não quero mudar o jornalismo, não quero mudar esses critérios, quero que o mundo mude. Quero que o ser humano mude. Acho que nesses tantos anos em que o homem vive em sociedade, já deveríamos ter aprendido a trabalhar melhor nossas diferenças, nossos pontos de vista.

É nessas horas que eu leio poesia. Onde há, claro, coisas ruins, mas há também esperança, amor, beleza, fé. Como já dizia Robin Willians em *Sociedade dos Poetas Mortos*, são por essas coisas que se vale a pena viver!

Por mais que a chance de mudarmos seja pequena, me agarrarei à esperança, à fé e ao amor, pois são por essas coisas que valerá me formar, fazer notícia e viver.

Deixo para você, caro leitor, um trecho de uma poesia de João Cabral de Melo Neto, a qual eu descontextualizei para aplicar ao meu contexto.

A palavra seda

*A atmosfera que te envolve
atinge tais atmosferas
que transforma muitas coisas
que te concernem, ou cercam.
E como as coisas, palavras
impossíveis de poema:
exemplo, a palavra ouro,
e até este poema, seda.*

Ou seja, que possamos carregar conosco os impossíveis da poesia nos nossos sonhos de um mundo melhor, usando palavras que valham *ouro* ou que nos toquem como *seda*.

*Este livro foi editado, composto e digitalizado na primavera
de 2017, em Curitiba, pela Agência Grafita,
no campus Tiradentes do Centro Universitário Uninter.
As famílias tipográficas utilizadas são
AdobeJenson Pro 12/18 e Paralucent Heavy.
Impresso no Clube de Autores, em papel pólen.*